

Saúde do Trabalhador e a Terra Prometida

EDITORIAL*

Eugene V. Debs (1855-1926) foi um sindicalista americano, fundador do Partido Socialista e candidato a Presidente dos EUA em 1900, 1904, 1908, 1912 e 1920. Em sua última candidatura, preso por suas atividades políticas, teve uma de suas maiores votações. Ele dizia que preferia estar preso com sua alma livre do que ser um covarde e mentiroso solto pelas ruas. Líder sindical e fundador de um dos primeiros sindicatos industriais americanos coordenou vários movimentos de trabalhadores e desafiou a presidência dos EUA ao levar o país a uma greve geral dos ferroviários. Foi sua primeira prisão. Eugene Debs é uma inspiração da saúde do trabalhador por várias de suas posições políticas. Em tempos lúgubres de perda de direitos, tempos sem rumos ideológicos claros, tempos de obscuridade de posições político-partidárias contraditórias, que oscilam ao sabor do vento nascido do sul, norte, leste, oeste, direita, esquerda, volver, de acordo com interesses nominais identificáveis em todo o espectro da rosa dos ventos, é preciso buscar novas inspirações. Como já se sabe que ninguém inventa nada do que já foi dito ou escrito, sob o império do mesmo e da mesma: o mesmo patrimonialismo, a mesma arrogância das elites, o mesmo fisiologismo, a mesma pilhagem do Estado brasileiro, o mesmo nepotismo, a mesma arrogância da Casa Grande, o mesmo compadrio dos apaniguados, a mesma corrupção dos entes públicos, o mesmo cinismo dos legisladores de plantão, a mesma promiscuidade público-privada, o mesmo abandono do povo à própria sorte, a mesma opressão do capital sobre o trabalho, o mesmo descaso do país com suas crianças e seus trabalhadores, a mesma mentira repetida várias vezes até se tornar verdade, ou seja, o mesmo e a mesma do mesmo e da mesma, vale a pena lembrar um pouco do mesmo, nas palavras de Eugene V. Debs, há mais de 100 anos atrás.

“Os direitos de um são tão sagrados quanto os direitos de um milhão.”

“O capitalismo precisa das prisões para se proteger dos criminosos que criou.”

“Nada é mais humilhante do que ter que implorar por trabalho. E um sistema no qual qualquer homem tem de implorar, o trabalho está condenado. Ninguém pode defendê-lo.”

Nesta edição

Editorial – Saúde do Trabalhador e a Terra Prometida	1
Entrevista – Paulo Roberto Gutierrez	2-4
Artigo do mês – Dagoberto Buarque de Assis	5-6
Perfil Sindical – Giulio Maccacaro	7
Trabalhadores Anônimos – Depoimentos anônimos	8
Informes	9

“Você tem que se unir no mesmo sindicato e no mesmo partido político e lutar e votar em conjunto, e a hora em que você faz isso, o mundo é seu.”

“Dez mil vezes o movimento trabalhista tropeçou e se machucou. Fomos perseguidos pelos tribunais, assaltados por bandidos, acusados pela polícia, mal traduzidos pela imprensa, mal vistos na opinião pública e enganados pelos políticos. Mas, apesar de tudo isso, o trabalho é hoje o poder mais vital e potencial que este planeta já conheceu e sua missão histórica e vitória final é tão certa quanto o nascer do sol.”

“A questão é socialismo versus capitalismo. Eu sou pelo socialismo porque sou pela humanidade. Nós fomos amaldiçoados com o reino do dinheiro. O dinheiro não constitui uma base adequada da civilização. Chegou o momento de regenerar a sociedade - estamos à véspera de uma mudança universal.”

“Eles nos dizem que vivemos em uma grande república livre; que nossas instituições são democráticas; que somos pessoas livres e autônomas. Isso é demais, mesmo para uma piada. ... Guerras ao longo da história foram travadas para conquistar e saquear ... E isso é uma guerra em poucas palavras. A classe dominante sempre declarou as guerras; mas só a classe dominada sempre lutou nelas.”

“Há muito tempo que os trabalhadores do mundo esperam por algum Moisés para levá-los à Terra Prometida. Eu não o conduziria se pudesse, pois se eu o fizesse, você poderia ser trazido de volta por outro. Eu gostaria que você se convencesse que não há nada que você não possa fazer por você mesmo.”

Se a saúde do trabalhador é a Terra Prometida da dignidade no trabalho, Eugene V. Debs é uma inspiração para começarmos a fazer por nós mesmos.

■ ■ ■ (tradução livre dos editores)

*Os editoriais do Boletim expressam a opinião da coordenação do Fórum Intersindical e nem sempre a de todos os participantes. A cada reunião ordinária, os editoriais são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.

A fala da Saúde do Trabalhador

Paulo Roberto Gutierrez



Carinhosamente chamado de Paulinho Gutierrez por seus amigos, o médico, Doutor em Políticas Públicas pela Ensp-Fiocruz, hoje aposentado e cada vez mais ativo, formou-se em Londrina (PR), em 1973. Em 1974 tornou-se especialista em Medicina do Trabalho, numa das primeiras turmas diplomadas no Brasil, à época, ainda sob a responsabilidade da Fundacentro. Desde então, portanto há mais de 4 décadas, bem antes de a Saúde do Trabalhador (ST) ser reconhecida como um campo da saúde pública, Paulinho Gutierrez esteve presente como militante, pensador e formador de pessoas na ST. Viveu todos os momentos da ST no Brasil, de sua criação até os dias de hoje, como um dos seus mais atuantes personagens. Suas histórias de vida profissional confundem-se às histórias da ST no Brasil. O depoimento que se segue é um tributo à memória da ST e um reconhecimento do Fórum Intersindical à sua brilhante e rica trajetória...

Em 1975, recém-formado e já especialista, em Londrina consegui emprego em duas empresas como médico do trabalho e no início de 1976 iniciei minha carreira universitária na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Nas empresas, durante cinco anos, tive a oportunidade de vivenciar o interesse e preocupação dos empresários em manter o médico para, fundamentalmente, manter a força de trabalho. Apesar do excelente salário, tornou-se cada vez mais insuportável o exercício como médico das empresas. Um pouco mais estabilizado economicamente, em 1980 passei no concurso do INAMPS [Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social], como médico do trabalho, sendo indicado coordenador de acidentes do trabalho. Na UEL, as críticas ao modelo de assistência médico-privatista eram muito fortes no âmbito do hoje chamado Departamento de Saúde Coletiva (DSC) e a busca por um modelo alternativo, no período 1975-1980, tornou muito gratificante minhas atividades como docente. Ainda, durante o período de graduação da medicina, um grupo de alunos voluntários, eu entre eles, coordenado pelo professor Nelson Rodrigues dos Santos (o Nelsão), discutia a organização dos serviços de saúde. A UEL e a Prefeitura Municipal haviam implantado, em 1970, dois postos de saúde em bairros periféricos, para servir de campo de estágio aos alunos do curso de medicina. Em 1973, eu atendia, sob supervisão, em um dos postos de saúde e em 1975 assumi a docência e passei a trabalhar com os alunos na mesma proposta de realização de ações médicas em uma abordagem integral do cuidado. Em 1977, a Universidade contava com quatro postos de saúde (um no meio rural).

No final da década surgiram experiências semelhantes em outros municípios como Niterói e Campinas, sob o enfoque da Atenção Primária à Saúde (APS). Essas experiências ganharam importância e visibilidade com a Conferência de Alma-Ata, em 1978. Uma conjuntura política favorável no período permitiu que o município assumisse a reorientação do modelo de prestação de serviço, adotando a mesma concepção dos serviços realizados pela Universidade. Particpei, com o DSC na formação de profissionais de saúde, promovendo o Curso de Habilitação em Enfermagem e de auxiliares de saúde, capacitando os primeiros profissionais para a rede. Sempre que tinha oportunidade discutia casos atendidos e sua relação com o trabalho, a partir das informações do paciente sobre o seu processo de trabalho. Na época, as inspeções eram feitas pela Delegacia Regional do Trabalho e a vigilância sanitária era de responsabilidade do estado e, nela, não existia vigilância em saúde do trabalhador. Era enorme a dificuldade para nos capacitarmos teoricamente, embora a epidemiologia já dispusesse de textos e livros clássicos. Quanto à política de saúde, as discussões estavam contidas nas publicações da Revista Saúde em Debate, cujo primeiro número foi lançado em 1976, pelo Cebes [Centro Brasileiro de Estudos de Saúde]. No final da década de 1970 criamos o núcleo do Cebes em Londrina. A presença de David Capistrano em Londrina, carregando exemplares da Saúde em Debate, em sua Brasília, é, para mim, o exemplo da militância da época. O Núcleo do Cebes de Londrina, além de colaborar para a criação de outros núcleos no estado, promoveu vários seminários em Londrina, fomentando as discussões na época. Carlos Gentile de Mello participou do seminário sobre “A interiorização da Medicina”, Carlos Augusto Monteiro sobre a “Desnutrição proteica calórica no Vale do Ribeira”, José Gomes Temporão sobre “Propaganda de Medicamentos e o Mito da Saúde”, entre outros. Todo o departamento atuava intensamente no núcleo.

Envolvido no movimento sindical, colaborei na criação, em 1979, do Sindiprol - Sindicato dos Professores de Londrina, onde fiz parte da primeira diretoria como Secretário. Ainda na gestão do sindicato, frente às propostas conservadoras de seis candidatos à reitoria, o professor Francisco de Assis Lemos, presidente do Sindiprol, e eu, saímos candidatos, com propostas de melhoria das condições de trabalho e salário e gratuidade do ensino, entre outras. Em poucos dias conseguimos divulgar as propostas junto aos alunos e professores. Crescemos muito na campanha e os demais candidatos se viram obrigados a aderir às nossas propostas, inclusive o reitor eleito. Ficamos em segundo lugar, por poucos votos. A forte atuação do sindicato e da comunidade universitária, foi um fator fundamental para que o governo estadual instituisse a gratuidade nas universidades estaduais, em 1987.

Ainda nos anos '80, apesar da contínua militância decidi fazer uma imersão teórica, ingressando no mestrado do Instituto de Medicina da UEL, na época um polo de reflexão e de debate político-científico. Além dos conteúdos e discussões oferecidos pelo curso, destaco, homenageando os autores, os livros editados, que muito colaboraram com a minha formação e que demonstram a produção científica daquele momento: "Saúde e Previdência: estudos de política social", de José Carlos Braga e Sergio Góes de Paula (1981); "(Im)Previdência Social: 60 anos de história da Previdência no Brasil", de Jaime Araújo Oliveira e Sonia Fleury (1985); "As Instituições Médicas no Brasil", de Madel Therezinha Luz (1986); "A doença", de Giovanni Berlinguer (1988); e "Reforma Sanitária Itália e Brasil", de Giovanni Berlinguer, Sonia Fleury e Gastão Wagner S. Campos (1988). Mais intimamente ligados à saúde do trabalhador: "Saúde e trabalho: a crise da previdência social", de Cristina Possas (1981); "A saúde nas fábricas", de Giovanni Berlinguer (1983); "De que morrem e adoecem os trabalhadores", de Francisco Lacaz e Herval Pina Ribeiro (1985); "Ambiente de trabalho: a luta dos trabalhadores pela saúde", de Ivar Oddone e outros autores (1986); "Saúde do trabalhador", de Aparecida Linhares Pimenta e David Capistrano (1989). Estes foram livros, de minha lembrança, quase obrigatórios para eu trabalhar na disciplina de Políticas de Saúde na graduação médica e, posteriormente, na residência em medicina preventiva e social.

Por adotar um modelo de assistência médica privatista que se exacerbou após o golpe militar de 1964, o INAMPS, nas décadas 1970/80, vivia o agravamento de uma crise financeira, política e administrativa. Em 1981, a tentativa de superação da crise foi a criação do Conselho Consultivo de Administração de Saúde Previdenciária (Conasp), que elaborou o Plano de Reorientação da Assistência à Saúde no âmbito da Previdência Social (Portaria N° 3062/82). Do Plano do Conasp resultou a proposta de Ações Integradas de Saúde (AIS), uma espécie de ensaio institucional para a criação do SUS, consignado na Constituição Federal/88.

Em 1983 assume a Presidência do INAMPS, o Dr. Hésio Cordeiro que iniciou um processo de reforma que, embora movido pela necessidade da contenção financeira, incorporou elementos de uma crítica estrutural ao sistema de saúde, seja pelo seu caráter privatista, seja pelo seu caráter médico-hospitalocêntrico. Para tanto, organizou uma equipe técnica, sendo a maioria da academia, sanitaristas, que há muito militavam para a mudança do sistema. Por estar no lugar certo e na hora certa, fui convidado para fazer parte da equipe. A estratégia fundamental era a implantação das AIS nos estados e municípios, com a finalidade de revitalizar e racionalizar a oferta do setor público, estabelecendo mecanismos de regionalização e hierarquização da rede pública das três esferas de governo, até então desarticuladas. Tive, aí, a oportunidade de colaborar na elaboração dos instrumentos precursores do que seria um planejamento nacional integrado das ações de saúde, pactuado entre as esferas, a chamada POI - Programação e Orçamentação Integradas - que teve um papel pioneiro na consideração dos estados e municípios como co-gestores do sistema de saúde, e não simplesmente como vendedores de serviços ao sistema federal. Assinalo o papel político do grupo, que, num trabalho intenso, percorreu o país negociando a proposta e agilização das assinaturas dos convênios das AIS. Em março de 1985 eram 130 os municípios signatários, em dezembro 644, chegando a 2.500 no final de 1986, o que significava a consolidação do processo. Era o prenúncio do SUS, à beira da Constituinte.

Em 1989, retornando à Londrina, fui eleito Chefe do Serviço de Medicina Social (regional) do INAMPS. Na oportunidade demos continuidade localmente à proposta de implantação das AIS. Participei da primeira Comissão Interinstitucional de Saúde (CIMS) de Londrina como representante do INAMPS juntamente com representantes de saúde e da comunidade.

O período 1985-1990 foi de intensa mobilização, com destaque para a 8ª Conferência Nacional de Saúde, em 1986, onde participei como delegado e coordenador de grupo de trabalho. Criado o Cesteh [Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana], em 10/12/1985, fui convidado pela Anamaria Tambellini a participar da Comissão Organizadora da 1ª Conferência Nacional da Saúde do Trabalhador (dezembro de 1986). Participei de algumas pré-conferências preparatórias, da comissão organizadora e da comissão relatora como relator geral.

Com a extinção do INAMPS, em 1993, fui colocado à disposição da UEL, o que me possibilitou o engajamento em articulações, locais e nacionais, no campo da saúde do trabalhador. Em 1994, a partir de uma demanda do Sindicato dos Metalúrgicos, iniciamos a instalação de um ambulatório para atendimento desses trabalhadores.

O sindicato realizava exame de sangue dos trabalhadores em São Paulo. Para nossa capacitação e disseminação do assunto em Londrina, realizamos seminários com Tarcísio Buschinelli, Gilmar Trivelato, Maria Maeno e José Carlos da Costa, sobre a organização de serviços ao trabalhador. Eram pessoas com quem mantínhamos contato constante.

Paulo Roberto Gutierrez

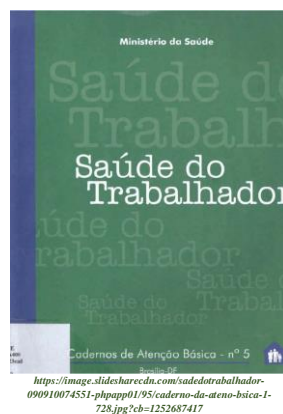
Um parêntese para destacar a publicação, em 1994, do livro “Isto é trabalho de gente? Vida, doença e trabalho no Brasil”, de Lys Esther Rocha; Raquel Rigotto e Tarcísio Buschinelli. Após a instalação do Ambulatório de Doenças Ocupacionais no Hospital Universitário, a notificação de casos de saturnismo (intoxicação por chumbo) foi surpreendente. Inicia-se uma grande demanda de solicitação de CAT [Comunicação de Acidente de Trabalho] às empresas que, quando as emitiam, não eram reconhecidas pelos peritos do INSS. Após uma discussão com o coordenador da perícia, organizamos um seminário com todos os peritos sobre o diagnóstico, tratamento e critérios de alta para o saturnismo e, a partir daí, os trabalhadores começaram a ter os seus direitos previdenciários respeitados. Muitas vezes a empresa não apresentava a CAT porque o trabalhador não era registrado. Comunicávamos à Delegacia Regional do Trabalho, acompanhávamos a inspeção e encontrávamos outros trabalhadores na mesma situação, com intoxicação e sem registro em carteira. Além do atendimento no ambulatório, articulamos ação com a Vigilância Sanitária e fizemos um rastreamento de todas as fábricas de baterias do município, com inspeções periódicas e atuação na melhoria das condições do ambiente de trabalho.

Essa iniciativa suscitou resistência por parte da Delegacia Regional do Trabalho que atribuía como de sua competência as ações nas empresas. Assim também pensava a assessoria jurídica da saúde. Na oportunidade, discutimos com o assessor sobre a Lei 8.080/90 e o apresentamos com o livro “Sistema Único de Saúde - Comentários à Lei Orgânica da Saúde”, de Guido Carvalho e Lenir Santos. Ele passou a ser nosso aliado.

A participação do Sindicato dos Metalúrgicos nesse processo foi fundamental, desde as denúncias na imprensa local, articulação institucional e acompanhamento das ações nas empresas.

O fato é que o conceito de Vigilância em Saúde do Trabalhador (Visat) foi se desenhando a partir dessa prática, conceito bastante discutido na década de oitenta. Quando Londrina assume a gestão semiplena, em 1994, o município passa a ter a competência para executar as ações de vigilância epidemiológica, sanitária e de saúde do trabalhador. A vigilância sanitária tradicionalmente se dividia em vigilância dos alimentos, produtos e serviços. Na discussão de reestruturação não pretendíamos que a Visat fosse mais uma “caixinha” dentro da vigilância, centralizada e sem integração com a rede de unidades básicas de saúde. Era a oportunidade para se discutir amplamente a questão, mas a resistência dos setores da vigilância foi enorme e não obtivemos sucesso.

No Encontro Nacional de Saúde do Trabalhador, realizado em 1999, em Brasília: “Desafios para a construção de um modelo estratégico”, foram anotados vários pontos críticos, entre eles a elaboração de um projeto nacional de capacitação e formação. Nesse ano fui convidado para atuar nessa área junto à Coordenação Nacional de Saúde do Trabalhador (Cosat), do Ministério da Saúde, coordenada por Jacinta de Fátima Senna da Silva, quando colaborei no Caderno de Atenção Básica, número 5, do Programa Saúde da Família, dedicado à Saúde do Trabalhador. Esses cadernos eram bastante disseminados pela rede e considero esse ‘nosso’ uma das mais importantes publicações da série. Destaco, na edição, a conceitualização de Visat, sua relação com os princípios do SUS, os objetivos e as estratégias operacionais que poderiam ser adotadas. Coordenamos um curso de capacitação em saúde trabalhador para a rede básica e formamos uma equipe com Gláucia Luna Ieno, Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos, ambos da Cosat, e Elisabete de Fátima Pólo de Almeida Nunes, professora da UEL.



O Caderno de Saúde do Trabalhador (nº 5), da série Cadernos de Atenção Básica, citado por Paulo Gutierrez, pode ser acessado no blog www.multiplicadoresdevisat.com

Os módulos de capacitação (instrutor e aluno) foram publicados em 2002. O curso de 40 horas, dividido em 5 módulos de 8 horas, estava organizado, numa proposta pedagógica de metodologia significativa, trabalhando sempre com a realidade local. O material foi validado em reunião nacional e testado em experiência piloto no estado de Tocantins. Percorremos quase todos os estados brasileiros, articulados com os Cerest locais. Destaco o estado de Goiás que organizou capacitação para cerca de 600 profissionais de saúde, enfermeiras em sua maioria. Em Londrina capacitamos toda a rede básica. Foi consenso no grupo que, apesar de muito cansativo, foram momentos de muita realização e aprendizado.

Em 2004, participei da elaboração do curso de especialização à distância, organizado pelo Cesteh. A elaboração do material didático, contou com cerca de 70 profissionais e pesquisadores do campo da Saúde do Trabalhador e Ambiente.

Durante todos esses anos, colaborando na formação de tutores, orientadores, alunos e profissionais de saúde do trabalhador posso dizer que minha experiência foi fantástica. Hoje, aposentado, continuo acompanhando a área e sempre disposto a participar e colaborar com a construção da nossa saúde do trabalhador. ■ ■ ■

**Conheça a história da Saúde do Trabalhador no Brasil
Venha para o Fórum Intersindical ...
... e faça parte dessa história**

Saúde na Escola: o trabalhador entre a Prevenção de Doenças e a Promoção da Saúde

artigo do mês

Da mesma forma que temos a educação para o trabalho temos uma educação para a saúde que, observa-se, atende ao mesmo pressuposto: a moldagem do trabalhador à produção capitalista.

O Programa de Saúde na Escola (PSE), como representação da presença da saúde na escola no país, tem a finalidade de contribuir para a formação integral dos estudantes da rede pública de educação básica por meio de ações de prevenção, promoção, atenção à saúde à saúde e cultura da paz (Brasil. Decreto 6.286 de 2007).

Nesse cenário, que narrativas se endereçam aos filhos da classe trabalhadora – os futuros trabalhadores –? Estas atendem à classe trabalhadora ou simplesmente os conformam ao modelo de produção vigente? Um dos maiores enfoques da Promoção da Saúde é o empoderamento. Está acontecendo?

Os estudantes devem ser provocados à reflexão que a saúde é uma produção social e está relacionada a múltiplos fatores como educação, moradia, saneamento, acesso à água potável, trabalho e renda, os chamados determinantes sociais da saúde. As desigualdades são resultados de produções sociais injustas e relacionadas a um sistema político e normativo, sendo, portanto, evitáveis, o que as caracteriza como iniquidades.

Freire (1982) enuncia que a Educação não é neutra, é um ato político, e que o papel da Escola é político pedagógico. Silva (2002) também adverte que uma educação para a cidadania, imersa no ideário neoliberal e ancorado na competição, premia os mais aptos em todos os domínios da vida social. Nesse compasso, a saúde e a educação devem participar da livre concorrência do mercado para, enfim, transformarem-se em mercadoria. A construção política de manipulação do afeto e do sentimento; a transformação do espaço de discussão política em estratégia de convencimento publicitário; a celebração da suposta eficiência e produtividade da iniciativa privada em oposição à ineficiência e ao desperdício dos serviços públicos; a redefinição da cidadania pela qual o agente político se transforma em agente econômico e o cidadão em consumidor são todos elementos centrais importantes do projeto neoliberal global. E é nesse projeto global que se insere a redefinição da educação em termos de mercado [...] (SILVA, 2002, p.15). A educação é alvo estratégico dessa ofensiva precisamente porque constitui uma das principais conquistas sociais e porque está envolvida na produção da memória histórica e de sujeitos sociais.

Dagoberto Buarque de Assis*

Integrá-la à lógica e ao domínio do capital significa deixar essa memória e essa produção de identidades pessoais precisamente sob o controle de quem tem interesse em manipulá-la e administrá-la para seus próprios e particulares objetivos (SILVA, 2002, p, 28).

Rodrigues (1998) desenha o pensamento pedagógico da burguesia industrial brasileira através de estudos de iniciativas da Confederação Nacional da Indústria – CNI que, ao longo de seus 60 anos de existência, desde sua fundação em 1938 até o momento atual, empenhou-se em projetos pedagógicos que visaram moldar o trabalhador às bases materiais, tecnológicas e organizacionais da produção.

Os estudantes devem ser provocados à reflexão que a saúde é uma produção social e está relacionada a múltiplos fatores como educação, moradia, saneamento, acesso à água potável, trabalho e renda, os chamados determinantes sociais da saúde. As desigualdades são resultados de produções sociais injustas e relacionadas a um sistema político e normativo, sendo, portanto, evitáveis, o que as caracteriza como iniquidades.

Frigotto (2002) destaca que a concepção burguesa de Trabalho e Educação embute os valores e conceitos necessários à formação ou fabricação do trabalhador.

Não por acaso encontramos assertivas morais e religiosas reeditadas com o advento do capitalismo.

A dominação de classe é garantida pelos aparelhos de hegemonia como família, escola, igreja, instituições, sindicatos, partidos, meios de comunicação, entre outros.

Nesse sentido, Gramsci (s/d) destaca o papel do intelectual orgânico: “[...] todos os homens são intelectuais, [...] mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais” (p.10). Essa tarefa do intelectual relaciona-se às funções de direção e organização social, sendo, portanto, uma tarefa educativa. Assim, “toda relação de hegemonia é uma relação pedagógica”, na medida em que leva ao aprendizado e à internalização da ideologia hegemônica. Para Gramsci, as relações pedagógicas que visem à conquista da hegemonia pelas classes subalternas são relações pedagógicas conscientizadoras; as que visam a manutenção do poder das classes dominantes são relações pedagógicas alienantes.

Segundo Reich (1983), as ideologias se perpetuam através da manipulação dos afetos moldando, assim, o caráter da ordem social no indivíduo. O autor destaca que a existência social, na sociedade capitalista baseada na economia privada, impõe na classe subalterna uma grande limitação na satisfação de suas necessidades. Daí resultam os princípios da renúncia, do sentimento de culpa e da humildade do indivíduo. Inculcados durante toda a vida, estes princípios fazem com que o dominado admita como válida, em nome da cultura, a sua exploração e a existência da sociedade capitalista.

Nos tempos atuais, em contexto de reformas neoconservadoras, a discussão de uma promoção da saúde, que, de fato, capacite e empodere, insere-se em um quadro mais amplo de luta pela defesa da manutenção dos direitos já conquistados pelos trabalhadores e na defesa de sua ampliação. Ao investigar a saúde na escola, verificamos que as iniciativas não consideram a reflexão do trabalhador escolar e do estudante, futuro trabalhador, quanto às questões da produção social da saúde e da doença. É imperioso olhar para os programas de saúde implementados nas escolas, pois nelas coabitam o trabalhador da educação; o estudante, filho de trabalhador e futuro trabalhador; e os educadores, que apesar da previsão legal, não são inseridos como beneficiários dos programas. Na escola, os professores se apresentam como os profissionais mais impactados negativamente e com maiores agravos à saúde, particularmente na saúde mental, num ambiente não saudável, de violência, assédio moral, relações pessoais complexas perpassadas pelo poder hierárquico conferido às funções (ASSIS, 2015).

A educação, a educação em saúde e uma escola promotora da saúde, mais que de dispositivos legais, formais, depende da formação do profissional que opera as ações. Se este não for vinculado às causas populares, se não tiver fortes convicções, capacitação e condições de um trabalho voltado para uma cultura de preservação de direitos, mediante relações pedagógicas conscientizadoras, todos os enunciados legais tornam-se letra morta. É necessário reconhecer o potencial emancipatório da escola promotora da saúde, de interesse dos trabalhadores, na medida em que proponha aos estudantes o pensamento crítico sobre si e a sociedade, desde a mais tenra idade, na devida medida da sua capacidade de compreensão. Na direção do entendimento da produção social da saúde e da doença, a saúde na escola pode ir além de atender ações prescritivas de prevenção a doenças. Utilizar seu espaço de excelência educativa e de produção de conhecimento possibilita empoderar sujeitos autônomos, emancipados e coletivamente engajados na busca de uma vida digna. É o contraponto à transformação do ambiente escolar em um posto de saúde avançado. Em síntese, uma Promoção da Saúde que atenda aos interesses dos trabalhadores deverá ser menos prescritiva e normativa e mais dialógica e desafiadora. Educação em Saúde é tarefa eminentemente educativa, na direção da autonomia e emancipação, com a compreensão de saúde como suporte para a vida, um bem a ser gozado, e não como meio de acumulação capitalista. ■ ■ ■

Referências Bibliográficas

1. ASSIS, D B. Saúde, Trabalho e Ambiente: reflexões sobre a docência de Educação Física Escolar. FIEP BULLETIN. Vol 86 - Special Edition - article I - 2016 Disponível em: <http://www.fiepbulletin.net/index.php/fiepbulletin/issue/view/82>
2. BRASIL, Ministério da saúde. A promoção da saúde no contexto escolar. Revista de Saúde Pública 2002; 36(2): 533-5 Disponível em www.fsp.usp.br/rsp/ acesso em 5/04/10
3. BRASIL. Ministério da Saúde. Escolas promotoras de saúde : experiências do Brasil. Brasília : Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/escolas_promotoras_saude_experiencias_brasil_p_1.pdf. Acesso em 22.02.2009.
4. FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. São Paulo. 1982
5. FRIGOTTO, G. Trabalho, conhecimento, consciência e a Educação do trabalhador: impasses teóricos e práticos. In: GOMEZ, C.M et al .Trabalho e conhecimento: Dilemas na Educação do Trabalhador. São Paulo: Editora Cortez, 2002.
6. GRAMSCI. Antonio. Os intelectuais e a formação da cultura. In: RUMMERT, Sônia M. Notas sobre hegemonia e relações pedagógicas em Gramsci. Adaptado de Rummert. Sonia M. Os meios de comunicação de massa como aparelhos de hegemonia. Rio de Janeiro: IESA/FGV, 1986. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/9109>. Acesso em: 12.07.16
7. OMS. Carta de Ottawa. 1986. http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottawa.pdf
8. REICH, Wilhelm. Psicologia de massas do fascismo. São Paulo: Editora Martins Fontes. 1983.
9. RODRIGUES, José. O moderno príncipe industrial: o pensamento pedagógico da confederação nacional da indústria. Campinas: Autores Associados, 1998.
10. SILVA, Tomáz Tadeu. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

*Dagoberto Buarque de Assis é Professor de Educação Física da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, Mestre em Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente e Especialista em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana.
(O artigo foi extraído de monografia apresentada ao CESTEH – Centro de Estudos de Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana / ENSP / Fiocruz).

NOTA dos EDITORES

A produção acadêmica de textos, ditos científicos, não é acessível ao cidadão ‘comum’. Os milhares e milhares de textos produzidos e armazenados em revistas científicas, todos os anos, são lidos apenas entre os pares, ou seja, entre os mesmos que os escrevem. Ficam armazenados nas estantes de uma ‘ciência’ hermética, discriminatória e descolada da sociedade que, para ser conhecida do público, tem que ser traduzida nos jornais, revistas ‘leigas’, boletins, televisão, blogs, vídeos da internet, no boca-a-boca. No caso da saúde do trabalhador, essa situação é mais grave, pois o que se escreve sobre o tema deveria ter como alvo principal de divulgação, ora pois, os trabalhadores! Não é o que ocorre. Revistas ‘científicas’ que tratam da saúde do trabalhador não são “para o bico” dos trabalhadores comuns. E, cada vez mais, são cada vez menos “para o bico” dos próprios pesquisadores da saúde do trabalhador. São muitos os obstáculos para que nós, acadêmicos, professores, militantes, profissionais da saúde do trabalhador consigamos publicar em revistas ‘científicas’. Os julgadores dos textos são rigorosos, cujo rigor, guardado pelo anonimato, é de credibilidade duvidosa. Querem mudar conteúdo, questionar opiniões, mudar o método, mexer na alma do que está escrito. Além disso, revistas ‘científicas’ cada vez mais cobram para publicar, exigem tradução para o inglês, levam meses e até anos para dar respostas se aceitam ou não o artigo que parece ser tido como uma ameaça para uma estética científica de caráter dubio e que não está preocupada em massificar e democratizar o conhecimento produzido. É com este espírito de resistência que a seção de artigos do Boletim do Fórum Intersindical pretende ser um espaço aberto e democrático de reflexão e difusão de conhecimentos. Mande seu texto. Participe! ■ ■ ■

PERFIL
SINDICAL

Um tributo a Giulio Maccacaro

A luta pela saúde do trabalhador, na década de 1960, na Itália, teve inúmeros personagens, dos quais o protagonista foi a classe trabalhadora organizada. Aliado visceral do movimento sindical e dessa luta, que inspirou a saúde do trabalhador no Brasil, Maccacaro foi professor de medicina e fundou o Movimento de Medicina Democrática-Saúde. O Perfil Sindical presta seu tributo, em nome do Maccacaro, a quem tem o sindicalismo combativo que luta pela saúde do trabalhador circulando por suas artérias e veias, indo e vindo do coração incomodado com a injustiça no trabalho.

A classe trabalhadora sempre foi tão "pensada" por aqueles que se surpreenderam ao encontrá-la tão vigorosamente, originalmente, lucidamente... no final da década de 1960. Hoje, podemos e devemos concentrar-nos em todas as formas de apropriação e autogestão que podem fazer da classe [trabalhadora] um tema de luta pela saúde que nunca deixa de ser, como tal, uma luta contra o sistema.

Também deve ser enfatizado que o movimento dos trabalhadores italianos de 1968 a 1977, através das lutas, das experiências e do conhecimento nelas adquirido, foi capaz de desenvolver uma cultura radicalmente original de prevenção de riscos e nocividade de afirmação da saúde, permeando grande parte da sociedade, da escola ao Parlamento ...consagrada na Lei n. 833, de 23/12/1978 - a chamada Reforma da Saúde.

Este processo surgiu e foi alimentado pelas lutas dos trabalhadores contra a nocividade e o risco iniciou a elaboração e experimentação de um modelo baseado na necessidade de organizar uma nova e diferente habilidade para representar o risco de trabalho e organizar o conhecimento sobre a nocividade do trabalho, de uma maneira que a experiência de trabalho deve ser valorizada, como categoria científica, no sentido de recuperá-la, registrá-la, formalizá-la e afirmá-la, pelo conhecimento, controle, mudança e verificação da efetividade da própria mudança.

No coração desse processo, o movimento dos trabalhadores italianos estabeleceu novas discriminações e valores, formas originais de auto-organização e a prática da democracia direta, tais como: a) a expressão e a afirmação - com a luta - da subjetividade do trabalhador por parte do Grupo de Trabalho Homogêneo; b) a afirmação do princípio de "não delegar"; c) a recusa de qualquer forma de monetização de nocividade e risco e a luta pela sua eliminação; d) o primado do julgamento subjetivo do Grupo de Trabalho Homogêneo sobre suas condições de trabalho (afirmação do risco zero) e a negação da validade científica dos valores de Limites de Tolerância, estabelecidos pelos higienistas para os ambientes de trabalho; e) auto-indagação como instrumento de estudo e pesquisa, iniciativa de união política para a identificação dos fatores de risco e da nocividade do meio ambiente do trabalho, onde os técnicos assumem um papel muito diferente do passado, cujo conhecimento especializado é questionado e deve em qualquer caso encontrar a validação pelas partes interessadas; f) a "validação consensual" de dados técnicos e científicos (ambiental, saúde e sociocultural) expressa subjetivamente pelo Grupo de Trabalho Homogêneo envolvido em uma determinada pesquisa; g) auto-organização de trabalhadores com base nos conselhos de saúde de empresa, articulados por Grupos de Trabalho Homogêneos; h) assembleia do "Grupo Homogêneo", como órgão soberano e decisório da vontade dos trabalhadores e dos trabalhadores de uma determinada realidade.

Giulio A. Maccacaro morreu de repente e prematuramente, aos 54 anos, em 15/01/1977, na Universidade de Milão. Maccacaro esteve sempre com os trabalhadores e os estudantes, inclusive nesse dia trágico. Homem de grande cultura e ciência, não usou o cargo de professor para ganhar privilégios. Em vez disso, colocou sua inteligência e conhecimento científico ao serviço do interesse de todos os trabalhadores. Seu compromisso social lhe custou tempo, energia, dinheiro, que com extremo desinteresse colocava ao serviço de iniciativas sociais. Os trabalhadores e os trabalhadores democráticos se lembraram orgulhosos de que um homem semelhante tenha escolhido estar com eles. Maccacaro viverá em nossa luta!

"A saúde operária é a única que se libertando liberta também a saúde dos demais homens."
(MACCACARO, 1980)

Fórum Intersindical Saúde-Trabalho-Direito/RJ

A frase de Maccacaro estampa a camiseta preta que veste todos os convidados do Fórum Intersindical

O pensamento de Maccacaro, expresso abaixo, foi extraído de matéria de Luigi Mara, no site <http://matematica.unibocconi.it/articoli/scienza-salute-e-ambiente-l-esperienza-di-giulio-maccacaro-e-di-medicina-democratica>

Na época criou-se uma cultura de saúde que teve no centro a afirmação do RISCO ZERO, ou seja, a exposição zero para homem, mulher e meio ambiente para os riscos e agentes prejudiciais para o meio ambiente. ... esse processo não-linear, impulsionado por contradições políticas, investiu em profundidade não só na fábrica (hierarquias, condições e horas de trabalho, ritmos, carga de trabalho, qualificações, salários, serviços sociais, etc.), mas também na escola, já coberta por vastas lutas estudantis, bem como em outros setores da sociedade, causando mudanças radicais; e isso foi caracterizado pela participação em massa, como sujeitos, de milhões de trabalhadores e estudantes... um fato enorme, de significado histórico para a democracia do país.

Além das peculiaridades dos tempos ... a classe trabalhadora hoje ... deve enfrentar as condições sociais, culturais e políticas desfavoráveis para buscar atingir os objetivos de libertação da exploração do trabalho e, em primeiro lugar, afirmar a saúde, a segurança e a higiene do trabalho, o ambiente saudável...

Venha para o Fórum Intersindical Faça parte da trincheira em defesa da saúde do trabalhador

Trabalhadores Anônimos

*Dando Visibilidade às
Identidades Sociais*

Diálogos com trabalhadores brasileiros anônimos: retratos de uma sociedade escrotizada*

Trabalhador em situação análoga à escravidão

- Gosta do seu trabalho?
- Gosto. Aqui a gente não apanha. Mas quando apanha apanha pouco. Às vezes falta comida, mas antes do trabalho faltava sempre. Durmo no colchão...

Trabalhador feirante

- Gosta do seu trabalho?
- Gosto. O dinheiro é pouco, a gente trabalha muito, mas não leva porrada da polícia. Só é ruim madame de colar de ouro pechinchando um real. E o cansaço não acaba nunca. O resto é bom.

Trabalhadora do sexo, adolescente

- Gosta do seu trabalho?
- Gosto. De vez em quando os clientes me maltratam, até me batem, mas me pagam. Em casa eu apanhava todo dia e não ganhava nada. Não posso reclamar.

Trabalhadora de lixão

- Gosta do seu trabalho?
- Gosto. Todo dia consigo comida aqui na catação pros meus filhos. E ainda arrumo roupa e um dinheirinho. Aqui tenho muitos amigos...

Trabalhador vendedor ambulante

- Gosta do seu trabalho?
- Gosto, mas já estou de saco cheio. Todo dia rola um problema. Ou é porrada, ou é correria, ou, o pior, a guarda municipal leva minha mercadoria e eu tenho que recomprar a mercadoria que eu sei que era minha.

Trabalhadora empregada doméstica

- Gosta do seu trabalho?
- Gosto. Não tenho carteira, mas os patrões são bons. O patrão já tentou me atacar, mas eu disfarcei e a patroa logo chegou. Evito ficar sozinha com ele. Gosto do meu trabalho.

Trabalhador garçom com contrato temporário

- Gosta do seu trabalho?
- Gosto. Consigo pagar a previdência. E se for escondido, a gorjeta fica pra mim. Só fico chateado com os clientes que gritam comigo e dizem que eu estou roubando na conta.... Tem muito bacana que trata você como lixo.

Trabalhadora cuidadora de idosa

- Gosta do seu trabalho?
- Gosto. A família aqui é muito rica, muito chic. A velha que eu cuido me bate, mas é meu trabalho também apanhar. Só não gosto é da minha comida separada da que a família come. A minha comida é sem gosto, sem graça nenhuma..

Trabalhador adolescente, olheiro do tráfico

- Gosta do seu trabalho?
- Gosto, aqui a parada é manêra, vou ficar rico e tô liberado pro baile no sábado. Meu camarada me rende uma vez por semana. Minha roupa é manêra, e minha mãe me entende na boa.

Trabalhador flanelinha (guardador de automóvel)

- Gosta do seu trabalho?
- Gosto. Mas tem uns problemas. Tu combina um preço na chegada e na saída o cara diz que não tinha combinado e sai sem pagar. A gente também ouve muita ameaça e de vez em quando, o polícia vem buscar o dele...

Trabalhador passeador de cachorro

- Gosta do seu trabalho?
- Gosto. Só acho meio estranho, a forma como algumas madames tratam os cães com beijos na boca, ao mesmo tempo que berram e xingam a empregada. De vez em quando reclamam comigo quando o cão chega meio sujo, mas isso faz parte.

Trabalhador pedreiro, biscateiro

- Gosta do seu trabalho?
- Gosto. Consigo ganhar um bom dinheirinho quando tem serviço. Só não gosto é que as pessoas me servem água em um copo separado, todo encardido. Parece que já é um copo preparado pra quem não é da mesma classe...

Trabalhador carregador, puxador de carroça (burro sem rabo)

- Gosta do seu trabalho?
- Gosto. As pessoas que me contratam costumam ser gentis. De vez em quando reclamam quando o frete não é feito da maneira que eles acham que tinha que ser. Mal sabem que a gente faz o possível e o impossível pra entregar a mercadoria como se fosse um bebê. Mas o problema mesmo é andar no trânsito. Sou xingado de filho-da-puta todos os dias várias vezes e já levei porrada de motorista e da polícia. Mas tenho 4 filhos e enfrento a parada... ■ ■ ■

*Recebido de autor
anônimo

Fórum Intersindical
Emoção e Luta pela
Saúde do Trabalhador

INFORMES

Acompanhe...

PRÓXIMA REUNIÃO do FÓRUM INTERSINDICAL

Dia 23/02 - 6ª feira

09 às 11:00h - reunião ordinária
11:30 às 13:00h – oficina temática

OFICINA TEMÁTICA

A Constitucionalidade Brasileira e a Saúde do Trabalhador

com

Cíntia Telles Nichele

Advogada
Mestranda da Escola Nacional de
Saúde Pública Sergio Arouca

LOCAL

DIHS/ENSP/Fiocruz

Av. Brasil, 4036, sala 905, Manguinhos
Rio de Janeiro - RJ - Telefone: (21) 3882-9222/9223

Reunião do Fórum Intersindical em 26/01/2018
Sindicato dos Bancários/RJ
Controle social em Saúde do Trabalhador no SUS
Geordecí Souza e Karla Baêta (no destaque)



**CONTINUAM ABERTAS as INSCRIÇÕES para o
BOLETIM ESPECIAL de FOTOGRAFIAS sobre
SAÚDE do TRABALHADOR.**

Veja as instruções para o concurso em nosso site

www.multiplicadoresdevisat.com

Já pode ir tirando suas fotos!!

ATENÇÃO!

Se você tem interesse em escrever um texto sobre saúde do
trabalhador para a nossa seção artigo do mês entre no blog e
veja como proceder: www.multiplicadoresdevisat.com

Continuam abertas as inscrições!
V Curso Intersindical de Saúde, Trabalho e Direito - Subsídios para
Ação de Vigilância em Saúde do Trabalhador no SUS

**São 40 vagas direcionadas prioritariamente para dirigentes
sindicais.**

**O curso é totalmente gratuito e ocorre em duas sextas-feiras por
mês, horário integral.**

Inscrições pelo email:

cursointersindical@gmail.com

Maiores informações pelo blog

www.multiplicadoresdevisat.com

**A aula inaugural será no dia 23 de março, às 9 horas,
durante a reunião ordinária do Fórum Intersindical.**

Fique atento!

No dia 19 de março de 2018, 2ª feira, às 10 horas, na sala 524 da
ENSP, será realizada a defesa pública da Dissertação de
Mestrado de Jacqueline W. Caldas, membro da coordenação do
Fórum Intersindical. O tema será:

**Vigilância em Saúde do Trabalhador:
a formação de agentes multiplicadores no
âmbito da RENAST**

Foi realizada, em janeiro, reunião de alguns membros do Fórum
Intersindical com a Procuradora do Ministério Público Federal
do Trabalho Dra. Cynthia Lopes, para confecção de agenda de
trabalho. Ficou acertado que a plenária do Fórum irá debater as
questões mais emergentes e elaborar um documento das
demandas organizadas para ser enviado ao MPT.

A Coletânea do Fórum Intersindical *Conheça um pouco mais
sobre a saúde dos trabalhadores* já deu seus primeiros passos.
Uma das responsáveis – Daphne Braga – já está se reunindo com
o Sindicato dos Comerciantes para as primeiras deliberações de
sua realização. Brevemente o projeto será apresentado em
reunião ordinária do Fórum.

**O DIA QUE EU SOU VOCÊ
Participe!**

ATENÇÃO!

Acompanhe a AGENDA de reuniões de 2018 da CIST
COMISSÃO INTERSETORIAL de
SAÚDE do TRABALHADOR
pelo Blog
www.multiplicadoresdevisat.com

Fórum Intersindical – Democracia participativa pela saúde no trabalho

Coordenação:

Ana Paula Bragança (Pesq. Colab. DIHS/ENSP/FIOCRUZ)

Jacqueline Wilhelm Caldas (mestranda ENSP/FIOCRUZ)

Luciene Aguiar (doutoranda ENSP/FIOCRUZ)

Renato José Bonfatti (CESTEH/ENSP/FIOCRUZ)

Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos (DIHS/ENSP/FIOCRUZ)

Fórum Intersindical de Formação em Saúde-Trabalho-Direito
para a Ação em Saúde do Trabalhador

Av. Brasil, 4036, sala 905, Manguinhos - CEP: 21.040-361

Rio de Janeiro - RJ - Telefone: (21) 3882-9222/9223

forumintersindical@gmail.com

Venha para o Fórum Intersindical - Acompanhe nosso Boletim Informativo